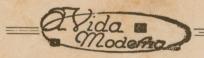
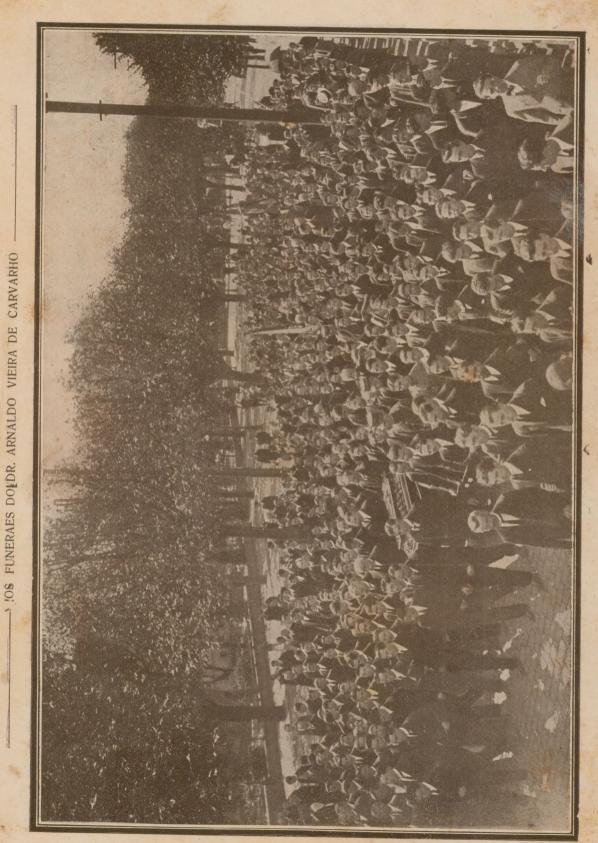
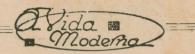
24-4-1928





O Imponen e cortejo funebre do illustre extincto ao passar pela preça da Republica, em caminho do Cemiterio da Consolação

CMP 2.1.6.12



Cheatro Municipal

O thesouro da feiticeira

No nosso theatro maximo foi levada á scena, no dia 17 do corrente, por um grupo de amadores a interessante opereta «O thesouro da feiticeira» original do distincto escriptor prof. Gomes Cardim e musica do inspirado maestro Antonio Candido, revertendo o producto do espectaculo em beneficio do Hospital das Creanças da Cruz Vermelha Brasileira.

O libreto gira em torno da «Historia da Carochinha» e foi muito bem cuidado pelo seu auctor que soube concatenar com habilidade todas as scenas, algumas dellas de bastante intensidade dramatica e outras comicas como requer o assum-

Embora não nos tenha sido dado o ensejo de vêr a partitura da musica composta pelo maestro Antonio Candido para o libreto d' "O Thesouro da Feiticeira", de Gomes Cardim, e uma audição unica seja demasiado restricta para uma apreciação justa, a impressão que nos causou a sua audição no Theatro Municipal a 17 do corrente foi de completo agrado, demonstrando o maestro Antonio Candido um conhecimento perfeito de instrumentação pela fórma com que soube aproveitar a orchestra e uma inspiração apreciavel, excedendo, mesmo muito, a margem que a obra litteraria lhe poderia dar.

Pena é que o maestro Antonio Candido, pela sua excessiva mo-destia, não nos dê frepuentemente outras obras do seu talento musical.

O papel de protagonista foi confiado á sra. Virginia Romano, discipula do maestro G. D'Arce, que delle tirou todo o partido, cantando impeccavelmente toda a sua parte e jogando com intensa emoção a scena do 1.o acto quando sabe que os filhos se perderam e vae em busca dos mesmos e a sua entrada no 3.o acto de grande effeito dra-matico. A sra. Virginia Romano na interpretação desse personagem demonstrou possuir um bello temperamento artistico e uma bem timbrada voz de soprano lyrico. O seu trabalho mereceu farta messe de applausos do auditorio. O papel de «feiticeira» encontrou na senhorita Herminia Russo uma interprete talentosa e de grande probidade artistica.

Cantou e representou como uma verdadeira artista, apresentando uma caracterisação sobria e propria á parte que lhe foi destinada



Os principaes personagens da opereta "O thesouro da Feiticeira" representada, ha dias, no Municipal.

A' senhorita Maria de Lourdes bôa voz de soprano. Ribeiro e ao sr. Thomaz Mauger, couberam, respectivamente, os papeis de Filisbina e Theodoro, aos quaes deram brilhante desempenho, emprestando-lhes muita comicidade na parte scenica e muito gosto nos numeros de canto.

João e Maria, os dois pequeninos personagens da opereta, ti-veram nos meninos Felisbina e José Ribeiro dois interpretes intelligentes. Deram grande relevo aos respectivos papeis, evidenciando excellentes qualidades para o theatro que devem ser aproveitadas pelos seus progenitores, em beneficio da arte nacional.

O trabalho de Felisbina e José Ribeiro produziu magnifica impressão ao publico, que não lhes regateou calorosos applausos.

Os bailados do 2.0 acto, sob a direcção da senhorita Yvonne Daumerie, apresentaram um effeito surprehendente e foram executados com perfeição pelo grupo de senhoritas que delles se encarregou.

A sua marcação foi creada pela srta. Yvonne S. Daumerie, que se revelou profunda conhecedora de todos segredos da arte choreographica, da qual é eximia cultora. As vibrantes palmas que foram prodigalisadas ao disciplinado corpo de baile, juntamos as nossas.

A «Fada» teve conscenciosa interpretação por parte da sra. Geor-

O sr. Armando de Queiroz Mondego, no desempenho do papel de Paulo, cumpriu o seu dever.

A orchestra e os coros portaram-se galhardamente sob a energica e competente direcção do auctor.

Foi, em summa, uma magnifica festa de arte, que deixou a melhor impressão no espirito de quantos a assistiram.

SPERANDO a volta do Lacerda, que fôra saber noticias da sogra de ambos, o Oscar pas-seiava, afflicto pelo vasto salão de sua casa. O seu amigo Asterio fumava, pensativo, a um canto.

Soam passos graves no corredor. Estremece Oscar, Lacerda entra.

- Então? perguuta aquelle.

- Morreu! solennemente respondeu o outro.

Oscar tomba no divan sacudido de soluços.

- Consola-te! A morte é o fim natural da vida, murmura Asterio.
- A megera não morreu! A vibora melhora, está bôa, brada atropeladamente Oscar.
 - Como?
- E' que (jura Oscar) Lacerda: gina Hubenet, possuidora de uma diz sempre o contrario da verdade.